

Funaro viaja a Tóquio e diz que inflação será 14%

Araujo Netto

Correspondente

Roma — No aeroporto internacional de Roma, antes de viajar para Tóquio, ontem pela manhã, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, admitiu que a inflação brasileira de fevereiro deve ficar em 14% e que alguma coisa tem que ser feita para conter uma nova disparada de preços.

Funaro disse que a estimativa para a inflação de fevereiro começou em 17%, baixou para 12 e hoje é de 14. Quando foi perguntado se seria necessário um novo tratamento de choque, o ministro da Fazenda explicou que, antes de mais nada, se deve esperar que os preços se alinhem naturalmente — e só depois disso fazer alguma coisa.

O ministro, que na sexta-feira esteve em permanente contato telefônico com o Brasil, manifestou uma particular preocupação com o excesso de greves, especialmente as dos portuários. Quase falando para si mesmo, Funaro disse que é indispensável haver uma colaboração maior de todos. Não escondeu que sua maior preocupação é com a greve dos portuários, que, a seu ver, está prejudicando as exportações brasileiras. Embora reconheça que as greves fazem parte do jogo democrático, Funaro confessou que o ideal seria que neste momento as greves não fossem tão numerosas e frequentes.

Na conversa que teve com jornalistas brasileiros pouco antes de seu embarque, via Zurique, para Tóquio, Funaro deixou claro que neste momento está mais apreensivo com o *front* interno do que com a missão internacional que está cumprindo.

No Japão, o ministro da Fazenda repetiu que vai expor as mesmas teses e renovar as propostas que apresentou nos Estados Unidos e na Europa. Não pareceu impressionado com o sucesso que pode ou não alcançar na próxima etapa do seu périplo, uma vez que já considera ter obtido resultados muito importantes que superam a expectativa com que saiu do Brasil.

Funaro, que parecia repousado e muito confiante, principalmente depois que o presidente do Banco Central, Francisco Gros, chamou sua atenção para as quatro páginas da edição de sexta-feira do *Financial Times*, o jornal econômico mais importante da Europa, que divulgavam quatro

grandes (em geral positivas) reportagens sobre a situação brasileira. Páginas que foram separadas pelo próprio ministro, que as colocou na valise **James Bond** para ler durante o longo voo até Tóquio.

Aos jornalistas brasileiros, Funaro especificou e enumerou os quatro pontos que considera vitórias de sua missão nos Estados Unidos e na Europa.

1) O principal resultado das negociações com os governos foi o de neutralizar uma eventual retaliação dos bancos privados. Na opinião do ministro Funaro, o diálogo aberto com os governos convenceu os bancos internacionais de que o Brasil está em pleno processo de negociações. É um país que não se reconhece falido nem propenso a dar calotes.

2) A tese de que o Brasil não pode parar de crescer para pagar a dívida externa foi compreendida e aceita por todos os interlocutores que teve em Washington e na Europa. A esse respeito, Funaro se declarou satisfeito com as declarações atribuídas ao secretário do Tesouro Americano, James Baker, de que concorda com a necessidade de não se interromper o crescimento brasileiro. Nas nossas conversas com Baker, tínhamos combinado que em suas declarações públicas ele deveria dar ênfase ao crescimento do Brasil — comentou o ministro da Fazenda.

3) Ainda sobre esse crescimento, Funaro considera uma vitória de sua missão o consenso de que o Brasil não precisa mais obter gigantescos saldos em sua balança comercial. Os bilhões de dólares previstos para este ano são um número perfeitamente aceitável e honroso.

4) A convicção que se reforçou de que o Brasil não merece figurar entre os maus pagadores, porque está pagando mais de juros do que recebe de empréstimos. Essa convicção se reforçou graças às informações e demonstrações feitas pela sua missão. Diante desses dados indiscutíveis de que desde a crise do México em 1982 os bancos estão recolhendo mais juros do que fazendo empréstimos, os governos que receberam e ouviram o ministro brasileiro, até agora, não puderam ficar indiferentes e insensíveis ao teorema favorito de Dilson Funaro: nos últimos quatro anos, o Brasil pagou 44 bilhões de dólares de juros e recebeu 11 bilhões de dólares de empréstimos. Logo o sistema financeiro internacional não funciona. No mínimo está obsoleto.